

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO



Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA

O Natal

Eng. Fernando Durão

Tribuna livre

ESPERANÇA

Tendo partido para Lisboa, onde vai passar as férias, encarregou-nos o Ex.º Sr. Eng. Fernando Durão, de expressarmos aqui — e na impossibilidade de o fazer pessoalmente — os seus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que tiveram a bondade de o visitar, durante a sua doença, bem como àquelas que, por qualquer modo, se interessaram pelas melhoras. Muito jogamos com o restabelecimento do Sr. Eng. Durão e desejamos-lhe umas férias tranquilas.

Há dias, no comboio, sentou-se ao meu lado esbelta rapariga, de frondosa cabeleira ao vento, soberbamente loira. Allá-va à elegância do traje e à distinção no porte, um ar de tristeza que me impressionou. Sentou-se, abriu um livro e pôz-se a lêr. Sem querer, vi o título: «La nuit tombe...».

Aquele alheamento, aliado à melancolia que se desprendia da sua pessoa, constrangeu-me e despertou em mim a tentação irreverente de lhe falar.

—Dá-me licença que lhe diga uma coisa?

Não percebeu. Devia ter reconhecido a estrangeira à primeira vista! Mas anda por aí tanta imitação...

Insisti: — Dá-me licença que lhe diga uma coisa?

—Faz favor...

—Se me fosse permitido fazer-lhe uma oferta, escolheria um livro que tivesse por título: «Le jour se lève...»: a sua idade é alvorada e não anoitecer!

Como escutava, atenta, continuei:

—Conhêço o que vai tendo. Esse livro só pôde infundir tristeza, pessimismo...

—Numa manhã radiosa como esta, aliar-se assim do colorido que nos envolve e preferir ao bulício reconfortante e pitoresco da cidade algumas páginas de literatura amarga, é como tomar um pequeno almôço que envenena o dia inteiro! Chegáramos. Já de pé, na estação, exclamei ainda:

—Pense, pense seriamente no que lhe disse: a vida é como sabemos vê-la...

Com um olhar e um sorriso de reconhecimento e simpatia, a jovem desconhecida respondeu, despedindo-se:

—Talvez tenha razão...

E eu fui pensando na poesia de Ribeiro Couto, d'uma sensibilidade tão delicada, que o «Correio de Nisa» publicou num dos seus primeiros números:

«Mas vai comigo uma lembrança dolorida...»

«Quem sabe se a mulher esperada na vida»

«Não era aquela da estação, não era aquela,

«Aquele que ficou lá para traz, perdida!»

X.

Gazetilha

Até que enfim! Já chegou a chuva tão desejada, impelida pela rajada que dia e noite soprou; e toda a terra ensopou, cá na «Côrte das Areias», onde as ribeiras vão cheias. Se continua chovendo, já me parece estar vendo subir a água às ameias.

SUMATRA DE LEMOS

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

Homenagens de Esquina

Com este título, em cujas letras afluam finos estiletos de irónica mordacidade, publicou há tempo o *Século*, em fundo, uma compacta coluna de oportunos conceitos e considerações sensatas sobre o abuso, por toda a parte praticado, de pretender glorificar determinados cidadãos afixando-lhes o nome nas esquinas das ruas, muitas vezes sem motivo suficiente a justificar tal consagração.

Plenamente de acôrdo com o juízo crítico do articulista do *Século*, não resistimos à tentação de oferecer à apreciação dos leitores do *Correio de Nisa* o que, sobre assunto detalhado, de mais incisivo e justo se expende no referido jornal:

«S u e e d e verem-se imortalizados, em letreiros por vezes

estralejantes, individuos de tão reduzida popularidade, episódios de tamanha insignificância, celebrados tão de trazer por casa que, por mais tratos que se dê à reminiscência, não se consegue saber do pé para a mão de quem ou do que se trata.

A que se devem então tais imortalizações, desde que não as recomenda a veneração pública aquêle prestígio eterno que nem as contingências do tempo nem a ingratitude dos homens podem apagar? A que atribuir tais manifestações de admiração e respeito, que, por serem impostas à contemplação pública, deviam ser admitidas sem reservas e accitas sem restrições? É de crer que, na distribuição pelas esquinas de muitos dos nomes que as ornamentam, a amizade e a simpatia pessoal, as afinidades políticas, o reconhecimento de serviços mais respeitantes a individuos e a classes do que à sociedade em geral desempenhem papel de primeira grandeza. Se assim é, lamentemo-lo.»

E mais adiante, a propósito da monumentalização ou consagração de pessoas indignas de tais homenagens: «—A prática atinge, de quando em quando, proporções inaceitáveis, que vão até ao ponto de se erguerem monumentos a quem nada fez para os merecer, como sucede com o do renegado Ribeiro Chiado, apologia desbragada à devassidão e à desvergonha, levada às últimas dinâmizações.»

E ainda, escalpelizando a origem de tão desproporcionadas e incredidas honrarias: «Um certo facciosismo tem tomado frequentemente o lugar

Conclue na página 4

sento onde estava reunida a família da casa, em geral a cozinha, e logo começava a lã: Ó meu Menino Jesus, Ó meu Menino tão belo, Quando vieste nascer: No rigor do caramelo! Com maior ou menor afinção-lã iam os até ao epilogo: Vamos ver a barca bela Que fizeram os pastores: Vai Nossa Senhora nela Toda cercada de flores. Seguia-se o peditório, também cantado: Taco, taco, Esmola para o sacco; Quem não quizer dar um vintém Que dê um pataco.

Esta casa Está forrada de cortiça; A senhora que nela mora Há-de dar-nos uma linguica.

Feita a quete, debandava a rapaziada. Se, porém, a gorgeja não agradava por exígua, era certo que, do limiar da porta da rua, se atirava lá para cima o comentário estigmatizante, numa outra versalhada tradicional lançada de impropérios.

É claro que nessa altura, pelas escadas abaixo, vinha logo a sanção, mas sem eficiência, porque o Menino Jesus punha asas nos pés daqueles picaros...

Ghegada a véspera do Natal, logo ao principio do serão começava a festa familiar. Preparava-se a massa para as filhós e azevias e, pouco depois, com a frigideira ao lume e o azeite bem quente, todo o pessoal feminino tinha de exercer a sua função. Umas estendiam a massa, sobre a qual iam colocando

Veneno de Amor

A tristeza entrava na alma do velho rei, que só no castelo, pensando nas riquezas e festins passados na sua côrte, se julgava um sonho que se desvanecera, do decorrer apressado da velhice.

Que era dèsses fidalgos, dessas damas e donzelas que passeavam amorosas nos jardins de palácio envoltas na divinal beleza dos sorrisos? Tudo desaparecera, todos o abandonaram deixando-o entregue à solidão da velhice. E agora aquele rei, que fôra poderoso, apenas tinha por morada um velho castelo; apenas era servido pelos poucos que lhe ficaram fiéis

equidistantes colheres de espécie (feita em geral de grão de bico ou batata) e, com a carretilha, iam recortando as azevias. Tinham algumas a seu cargo a frigideira e ainda outras iam talhando as filhós, enquanto a encarregada da ceia punha todo o cuidado em tornar apetitosa a consoada.

Também não faltava, nestes serões de alegria doméstica, a nota jocosa ou humorística. Para algum conviva mais retardatário, era certo aguardá-lo surpresa hilariante: havia

Conclue na pág. 4

Conclue na pág. 4



Redacção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelvidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA

lebra-se, nesta época festivo nascimento do Deus-Meliv Ascendendo na magnificência das catedrais ou na simulação acolhedora da capelinha aldeã, as espirais do incenso perfumando os templos oram, as almas, falam ao mundo to, direitos e privilégios da Dignidade, reconhecida e adoradas. Os Reis Magos há cerca de mil anos. Estão no topo dos troncos e o renascimento e relevo dos retábulos e nos a significativa oferta deposita pelos mesmos orientais aos pés de Cristo. A humanidade, acorrendo em balcões luxuosos ou dos olhos mais desconfortáveis reassistir, contrita e confiada celebração da missa da noite, é bem aquela rasgada e pisada mirra que, do nome do seu nada, se entrega aos braços de Deus. A Missa do Galo! A Homenagem envolve-a numa aura de místico misticismo, e a alma despojada de toda a terra, desprende-se, como doces instantes, de tão nível de vilezas e, purificada pela presença, parece revolver à eclosão da inocência palissada. E abrem-se os coazes a todos os influxos do fácil parece que quanto mais rpois é a nortada mais o carredes a bondade se inflama e ardentes e sentidos são os de solidariedade e amor. A quadra, jubilosa ou de saudade pelos nhos ou mortificada pela que não mais podem os rios das crianças envosso ar de estridulas sonoridade apenas elas têm o conteúdo de amar e amar de recordações. A Missa do Natal! Como hora, após uma caminhada de décadas, tudo me diferente! Os frios de zembrinos mordiam as carnes e de garotos se iam para, antes e depois de andar e casa em contar o Menino Jesus e assim andei. E das picardias de então me como se fossem de fundo das escadas, ou de melhor gritava: Jesus de Nazaré, que cá cante? A resposta era afirmativa e todos no apo-

ANTOLOGIA

Na rêde

por CASIMIRO DE ABREU

Nas horas ardentes do pino do dia,
no bosques corri;
E qual linda imagem de castos amores,
dormindo e sonhando cercada de flores,
nos bosques a vil!
Dormia deitada na rede de penas
— o ceu por doce! —
De leve embalada no quieto balanço,
qual nauta cismando num lago bem manso
num leve batel!
Dormia e sonhava — no rosto serena
qual um serafim;
os cílios pendidos nos olhos tão belos,
e a brisa brincando nos soltos cabelos
de fino setim!
Dormia e sonhava, fermosa, embedida
no doce sonhar;
e, doce e sereno, num mágico aneio,
debaixo das roupas batia-lhe o seio
no seu palpar!
Dormia e sonhava — a boca entreaberta,
o lábio a sorrir;
no peito, cruzados os braços dormentes,
compridos e lisos, quais brancas serpentes
no colo a dormir!
Dormia e sonhava — no sonho de amores
chamava por mim.
E a voz suspirosa nos lábios morria
tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
de algum bandolim!
Dormia e sonhava — de manso cheguei-me
sem leve rumor;
pendi-me tremendo; e qual fraco vagido,
qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido
falei-lhe de amor!
Ao hálito ardente o peito palpita...
mas sem despertar;
E, como nas ancias dum sonho que é lindo,
a virgem na rede corando e sorrindo...
beijou-me a sonhar!

Póvoa e Meadas

DIA DA MÃE

Foi comemorado nesta freguesia o dia da mãe. Houve de manhã missa e à noite terço com consagração das mães à primeira e mais digna das mães — Nossa Senhora da Conceição. Leu a fórmula a Ex.^{ma} Senhora D. Maria Soares Gordo.

CHEGADAS

Vindos de Lisboa chegaram há pouco a esta vila os Ex.^{mos} Senhores Eduardo Fragoso e sua Ex.^{ma} Esposa; a Senhora D. Henriqueta Fragoso que se tinha ausentado para fins de tratamento. Vem deveras melhor,

graças a Deus.

— De Castelo Branco também chegaram os Ex.^{mos} Senhores Alberto Godinho e sua Ex.^{ma} Esposa, a Senhora D. Hermínia de Carvalho Godinho. A todos os nossos cumprimentos.

CASA PAROQUIAL

Começaram as obras da Casa Paroquial. Que em boa hora isso tenha sucedido e que Deus se digne abençoar os trabalhos.

DOENTES

Têm passado um tanto incomodadas a menina Joaquina Videira e Senhora Maria Amélia Louro, respectivamente filha e irmã do abastado comerciante nesta Vila Sr. José Videira Louro. Desejamos franco restabelecimento.

Caixa do «Correio»

Sr. António da Cruz Maia — Portalegre: Muito agradecidos pelo postal. Vamos mandar o «Correio de Nisa», ao Sr. Madeira. Era, contudo conveniente indicar a direcção completa.

Sr. Correspondente em Portalegre: Desconhecíamos o que nos conta sobre o não recebimento do jornal. Agradecemos toda a colaboração. De futuro, repetindo-se a «graça», é fineza comunicar.

Dr. Gomes Correia—Lisboa: Nada tem que agradecer. O «Correio de Nisa» fez-se para estar ao serviço dos que têm mérito. Esperamos a colaboração que promete. A «gralha» vai ser morta atômica. Mas é preciso indicá-la de novo, por se ter estraviado a carta.

Sr. «Leônidas»: Há dias que desejamos escrever-lhe, mas o tempo «falta»; e só agora é possível remediar a «falta». Apareceram pontuações sobre o zodiaco. Para um encontro reservamos uma conversa sobre este fenómeno meteorológico resultante da condensação. Um novo bardo, «Pipocas Limão», ataca-o furiosamente; mas, assim, como o Sr. «está em descanço», não publicamos o «cuneto» que lhe nos remeteu. Coma, aí, uns salmónetes, por nós... Saúdações do Escumalha.

X.—Tribuna Livre—Algueves: Tem muita razão; sim, Senhor. As gralhas são o pior tormento dos jornais. Mas, sempre lhe diremos: Quere dizimá-las? Não escreva nunca no verso dos linguados; e a letra um pouco mais «garrafal». Acredite que isto tem uma grande importância nas «partidas» das «gralhas». Recebemos Arte Poética mas não pode ver a luz do dia porque os poetas épicos estão a banhos no Figueiró. A «Tribuna» não pode ser numerada, porque (como sabe) tem vários colaboradores. No penúltimo jornal, foi prejudicada... pelo original ter ficado na redacção, por lapso. Clemência!!!

PARA ASSINAR ÊSTE JORNAL
BASTA REMETER À REDACÇÃO
UM VALE DE CORREIO DE
VINTE E SEIS ESCUDOS.

A Escola de Artes e Ofícios

Pelo Dr. DIAS LOUCO

Nisa tem hoje uma grande população escolar de ensino primário.

Os respectivos professores não se poupam a esforços para cumprirem cabalmente o dever que lhes incumbe de dar às novas gerações do povo nicense os princípios de instrução, educação e disciplina em que há-de alforçar-se a personalidade dos homens de amanhã.

Concluindo o exame de instrução primária, os rapazes que dispõem de recursos pecuniária e intelectuais para continuar os seus estudos, encontram em Nisa um estabelecimento de ensino que lhes pode ministrar a instrução secundária, base da cultura média de que carece todo o homem que pretende elevar-se na vida social.

Esse utilíssimo estabelecimento de ensino é o Colégio Condestável que, com avultada frequência, habilita para o curso dos Liceus e cujo corpo docente envida também os melhores esforços para que os seus alunos adquiram a cultura intelectual inerente aos programas liceais.

Mas os rapazes que, por falta de recursos económicos, não podem cursar o referido Colégio — e eles continuam a grande maioria — ao deixarem a escola primária não encontram na sua terra, uma instituição que lhes forneça completos e progressivos ensinamentos de ofícios mecânicos e artes industriais a que queiram dedicar-se.

Tem de contentar-se com a aprendizagem elementar na oficina dum modesto artista que pode ser muito competente no seu mester, mas cujos ensinamentos tem de ser necessariamente deficientes por não poderem corresponder às exigências da moderna técnica profissional na aprendizagem dos diversos ofícios e artes manuais.

Não é praticamente possível em Nisa suprir tal deficiência com a instituição duma Escola Industrial.

Mas é relativamente fácil resolver o problema com a criação duma Escola de Artes e Ofícios, como tantas existem já no País, que seja para o povo não só um complemento da Escola

de Ensino Primário, mas também um estabelecimento de cação e instrução onde até as próprias que frequentemente ainda primário, sejam acolhidas no exercício das artes para que tenham vocação ou mais propensão, de modo a alicerçar-se no espírito o amor-fissão e o gosto pelo aperfeiçoamento artístico dos seus filhos.

Nisa precisa, indubitavelmente, duma instituição de natureza.

As crianças das escolas primárias saem das aulas hora tal que lhes falta parte do dia — momentos grandes — inteiramente de qualquer ocupação que lhes afeioe o carácter e a vontade. Almas sem actividade de espírito, nelas encontram-se, de aulas, cá fora, á mercê das perniciosas influências que destroem a acção colhida na escola por vezes á libertinagem, deixando-se os bons costumes os melhores com o natural espírito de que nas crianças é tão accentuado quanto é a sua idade é incomparavelmente a refeição e o senso que lhes permita libertar a sugestão dos maus exemplos.

As Escolas de Artes e Ofícios recebem no seu curso os mais adiantados em já ultimaram e na primária, vão-lhes mais.

(Conclui na página)

Falecimento

Faleceu em Alpalhão, 12 do corrente, o Sr. João Caldeiro, conceituado e respeitável cidadão naquela Vila, contava 43 anos e era estimado. Deixa viúva e filhos menores.

A família enlutada sente os seus sentidos pesados.

Anunciam no «CORREIO»

O FEITICEIRO

Conto inédito

por JOÃO TAVARES MACHADO GRÁCIO

—E' esta a tua terra?
—Não!... Nasci para além daquelas serranias que tocam o horizonte norte a duzentas léguas daqui.

— O teu auge dá para o mês do Aquário um ceu plumbeo, de nuvens negras cortadas pelas andorinhas, as aves da saúde; mas ele se desvanecerá transformando-se em azul límpido e cristalino que o radioso sol dum feliz encontro

ilumina, (a voz tremia-lhe por vezes e os olhos descobriam-se, reluzindo, nas órbitas vazias da caraça, cintilantes e húmidos). Estende a palma da mão esquerda...; o az de paus está sózinho e caiu por terra... o rei, valete e dama do mesmo naipe acolhem-se ao três de copas e o sete de espadas está sobre eles; os outros há pouco divididos em dois montes fundem-se num só... a dama e o rei

de paus são abafados pelo cinco de copas, simbolizando as chagas de Cristo... Isto significa que teu irmão fugiu da casa paterna; que teus pais morreram de desgostos e que tu tens andado á sua procura. Na tua mão o traço da vida é bastante longo para atingir outro que caminha em sentido contrário... e a cova de Urano é funda, sinal de que a esperança de todo te não abandonou... (depois suspendeu-se... o silêncio era pesado, doloroso mesmo para a minha ansiedade. Ele sabia tudo... o meu passado... o negro passado que eu não desejava recordar... — Como? Ter-lho-iam dito as cartas? O livro? Os espíritos? — Mistério... só mis-

tério). — Insistes em procurar teu irmão? (preguntou ele). E conhece-lo-ás?

—Sim! Estou convencido disso.

—...«Esse homem ainda vive, não de esperança... mas de saúde; está bem perto de ti a ver-te, a sorrir-te, a bendizer o destino que veio a unir dois caminhos tão diversos...» eu atingira um grau de excitação nervosa incalculável, assaltado dos mais absurdos pensamentos.

(Então vi o «feiticeiro» abrir o medalhão dizendo) — Lembra-te! Era a nossa mãe; mantinha-o nos dedos trémulos...; acheguei-lhe o coto para ver melhor...; era Ela... a minha santa mãe que Deus haja! em seguida tirou a caveira expon-

do ao clarão baço e luz um rosto sem barba, belo branco quasi só com uma larga coroa e disse:) este é o teu irmão.

Permanecia imóvel, to dos olhos lhe rolavam grimas humedecidas, ressequida das faces.

—Sim! Sou o teu irmão.

Larguei a vela e pelos ombros dell'ram do-lhe o rosto definido, rugido pelos sofrimentos, cindindo-o... — meu irmão Tu és o meu irmão trouxe-o para a luz espantalo... surpresa sufocada de prazer, alegria me inundava e se instante.

Natal e a Caridade

Decorre o Inverno com
ressividade duma tem-
peratura inclemente e a co-
municativa tristeza dum céu
de cinza-luz. Não há longes
horizonte, que as nuvens
am, nem luz de alegria
as dificuldades da es-
tremam. Corpos e es-
tremam também as do-
rantes ambiente lutuoso que
permeia, abatem-se ao
contacto da nature-
za agonía.

Um dia, porém, nesta
hora opressiva, é sempre
uma noite, posto
escura, sempre lu-
zosa — o dia e a noite
de Natal, quando festejados
o prazer de consciên-
cia e o conforto no amor do
paizinho, sob o influxo do
espírito evangélico deste
sésrio de milénria e
na comemoração.

Os homens apresentam-
se mais amigos e genero-
sidade. Fandem-se as reservas
de agonismos ao doce ca-
lde da lareira e na paz e
disposição da consoa-
gem. O carinho anima, no seu
de dor, quem padece.
No hospital, à cadeia e
no illo, chega ao tugúrio
do, deixando résteas de
vidua por todos ésses
es de desventura.

O Tempo

Um decorrido verda-
mente tempestuosos
dias de Dezembro em
abriram as catara-
tes do céu e os cachões vão
ar a monte como cau-
diluviários, Eolo sopra-
ndo, semelhante tu-
mecer postrar na sua
agem.

Em Nisa há a registrar
as prejuízos de certa
ortância: árvores der-
tas, chaminés corta-
ceres que esburaca-
telhados e destruíram
ais.
A chuva está presis-
enovelando-se ainda
as nuvens nas altu-
ras.

Um Soneto

«João Maria» recebemos
de bom papel «smart»,
a ao soneto que afirma ser
irmão de uma inspiradora.
el, em porém, neste jornal
avancado a colaboração de
do certas e determinadas,
s... em se saiba parte, a conse-
u irmão «João Maria» a que apa-
ra se saber, afinal, quem
e age «João Maria»...

Melhores Dizeres

«Descobre uma hora de
para um ano de conversa-
— Co-
— neve que em seu tem-

POR
Silvestre Figueiredo

Gente boa, como anjos
tutelares, em missão de mi-
sericórdia, cuidam de sua-
vizar a penúria e o sofrim-
ento com o bálsamo res-
cendente da Caridade. E'
que esta virtude constitui,
na verdade, o melhor pre-
sente de anos para o Meni-
no Jesus que nos impôs, co-
mo credencial de salvação,
o amor entre todos os ho-
mens.

Noticias de Montalvão

Com grande actividade pros-
seguem as obras da construção
do Quartel da Guarda Nacional
Republicana que, a espensas
dos lavradores proprietários e
comerciantes desta freguesia,
se está construindo.

É melhoramento de grande
utilidade para esta vila que
bem carece da permanência da
autoridade, especialmente nas
noites de sábados para domín-
gos e de domingos para 2.^{as}
feiras, pois chega quasi a ser
temeridade passar junto das
tabernas que permanecem ab-
ertas durante todas as noites,
sempre repletas de fregueses
de todas as idades, sem que
ninguém ponha cobro a tais
factos, infelizmente, bem de la-
mentar, pois chega a causar pe-
na e revolta — no mesmo tem-
po — vemos crianças de 12 e
14 anos, noites inteiras no vicio
do alcoolismo! Custa a acreditar,
mas é assim.

Também em breve começa-
rão os trabalhos para a cons-
trução das Escolas (do sexo
masculino e feminino), uma das
melhores realizações do Estado
nesta vila, de que muito benefi-
ciará o ensino.

Novo estabelecimento

Abriu, no Largo do Terreiro,
um modelar estabelecimento
de salsicharia, acontecimento
que registamos com a melhor
satisfação, por se tratar do pro-
gresso sempre desejado desta
Vila.

Edital

A Câmara Municipal do
Concelho de Nisa, faz sa-
ber que, no próximo mês de
Janeiro, devem os contribui-
ntes e mais interessados,
efectuar os registos, pagar
os impostos e obter as li-
cenças que a seguir se in-
dicam:

— Licença de canídeos.
Para que ninguém possa
alegar ignorância, se publi-
ca o presente, que val ser
afixado nos lugares do cos-
tume.
E eu António Luiz Alva-
res Nunes, Chefe da Secre-
taria da Câmara Municipal
a subscrevi.
Paços do Concelho, 8 de

Inédito

...dizendo que o sol..

Esmoreceu a noite. Apa-
receu o crepúsculo.

O horizonte coloria-se dum
tom púrpureo e quente. No
alvor do dia, um raio de luz
fulgurou através da imen-
sidade; mais um... outro,
ainda, brilhou... brilhou...
brilhou... e o astro-rei Nas-
ceu.

No Oriente... ressurgiu
das próprias cinzas... os
povos adoram-no; no Oci-
dente... a sua continuí-
de... esperançou as nações;
no Norte e no Sul... a sua
luz e calor... regozijou os
incolos; no Centro treme-
ram... a sua ansia incen-
diária... porque tudo quei-
mava.

Subiu... subiu... subiu ca-
da vez mais alto... brilhou
muito... decalou... brilhou
... brilhou e... dizendo que
o sol nasceu para todos,
mentir!... o sol não nasceu
... Morreu!

Nogueira Correia

«Ocidente»

Recebemos mais um nú-
mero de «Ocidente», revista
portuguesa mensal que além
da sempre elevada catego-
ria literária com que se a-
presenta, inicia dois traba-
lhos de valto: «A Conquista
do Paraíso», de J. Caminha
Dantas; e o estudo do emi-
nente economista Eng.º Eze-
quiel de Campos. «Proble-
mas Fundamentais Portu-
gueses».

Edital

Doutor Francisco Mourato
Peliquito, Presidente da Câmara
Municipal de Nisa:

Faço saber que, em obediên-
cia ao disposto no Art. 1.º do
Dec. n.º 26.173, de 2 de Janeiro
de 1936, e Art. 1.º da Portaria
n.º 10.317, de 14 de Janeiro de
1943, é obrigatória, para todos
os indivíduos ou entidades com
domicílio no Concelho, a entrega
das declarações determina-
das pelo Art. 4.º do Dec. núme-
ro 17.313, de 30 de Dezembro de
1929 e do Boletim a que se re-
fere a citada Portaria, na Se-
cretaria desta Câmara até 15 de
Janeiro próximo, com referên-
cia aos veículos automóveis
que possuam (auto-ligeiros, ca-
miões e camionetes e motoci-
clos) e a situação e estado em
que os mesmos se encontram à
data de 31 do corrente mês. Por
cada veículo não declarado ou
com referência ao qual se veri-
fique falsidade de declaração,
é aplicável a multa de 50\$00.

Por cada veículo não mani-
festado ou falsamente descrito
no Boletim citado é aplicável
no respectivo proprietário a
multa de 500\$00, que constitui
receita do Estado.

As declarações deverão ser
feitas em impressos do modelo
n.º 18, anexo ao Decreto núme-
ro 19.545, de 31 de Março de
1931, e o Boletim no modelo
anexo à citada Portaria número
10.317, todos fornecidos por esta
Câmara Municipal aos intere-
ssados.

Para conhecimento geral e
não poder ser alegada igno-
rância, se publica o presente
edital e outros de igual teor

A Escola de Artes e Ofícios

(Conclusão da 2.ª página)

pouco a pouco os ensinamen-
tos convenientes em ordem a
torná-los verdadeiramente pe-
ritos nas artes mecánicas para
que tiverem mais gósto e mais
visível inclinação, dando-lhes
assim um modo de vida que os
torne elementos acentuadamen-
te úteis na sociedade. E no mes-
mo tempo que lhes ensinam um
mester com o qual possam mais
tarde prover à sua subsistên-
cia e da família que venham a
constituir, incutem-lhes tam-
bém os sentimentos da educa-
ção, da disciplina e da honra
que os hão de valorizar como
elementos sociais e que são, afi-
nal, a grande chave da felicida-
de humana.

O gósto pela profissão, o
amor e o prazer do trabalho,
a perfeição técnica, a serieda-
de na confecção dos artefactos,
a urbanidade no trato, a no-
ção da responsabilidade moral
e profissional, o espirito de co-
laboração, o sentimento da so-
lidariedade, enfim todos os
atributos e predicados que de-
vem ser apanágio das classes
médias, as Escolas de Artes e
Ofícios podem e devem desen-
volver em alto grau nos seus
alunos.

Para realizar este fim de
valorização social e de aperfei-
çoamento moral e profissional
das classes operárias, nenhuma
escola de artes e ofícios
como as dirigidas pelos salesia-
nos, das quais são modelo as
célebres oficinas de S. José, no
Pôrto. Onde quer que eles sur-
jam à frente de estabelecimen-
tos desta natureza, opera-se
uma transformação completa
no clima moral e profissional
da juventude operária.

De mais, os salesianos con-
tentam-se com pouco para fun-
dar as suas oficinas. O que fun-
damentalmente exigem é que
lhes seja fornecida casa para
as suas instalações pessoais e,
não sendo possível esta, no me-
nos terreno em que possam fa-
zer a instalação das suas ofi-
cinas de aprendizagem e traba-
lho.

O mais, no que respeita à
construção, desenvolvimento,
aperfeiçoamento das oficinas,
sustentação do pessoal docente,
aquisição de maquinismos,
instrumentos e ferramentas de
trabalho, colocação e venda de
artefactos, aquisição de maté-
rias primas, etc., tudo corre
por iniciativa e a expensas dos
dirigentes destes estabeleci-
mentos.

Todos os ofícios podem ser
ensinados e praticados na Esco-
la que venha a fundar-se em
Nisa, e designadamente os de
carpintaria, marcenaria, serra-
lharia, cantaria, olaria e tipog-
rafia, — isto a par de diversas
desportivas, instrutivas e re-

dos em todo o Concelho.

E eu António Luiz Alvares
Nunes, Chefe da Secretaria, da
Câmara Municipal, o subscre-
vi.

Paços do Concelho, 8 de De-
zembro de 1945.

O Presidente

creativas que essas instituições
também utilizam como procedi-
mento de afinar certas modalida-
des da formação do carácter.
É claro que a música é uma das
diversões instrutivas e recrea-
tivas que tais Escolas mais en-
tusiasticamente cultivam, pela
notável influência que tem na
elevação moral dos rapazes. E
terá então a Côte das Areias
definitivamente re-olvido o
problema da boa constituição,
e permanente organização da
sua Banda cujas honrosas e já
centenárias tradições bom se-
ria que continuassem.

¿Não haverá em Nisa possi-
bilidade de conseguir-se casa e
espaço para instalação duma
Escola de Artes e Ofícios diri-
gida pelos Salesianos? ¿Não
haverá quem se entusiasme
com esta sugestão, a patrocine
e lhe dê corpo e realização?

A idéa e o apêlo ai ficam, e
Deus lhe ponha virtude!

Não fique Nisa atrás de Al-
palhão que, dentro de poucos
anos, há-de ter uma instituição
desta natureza.

Noticias de Arês

No dia 18 do corrente
mês, poucos foram os habi-
tantes desta localidade, que
não se deslocaram, para ver
a enorme cheia depois des-
tes dias em que a água tem
caldor torrencialmente, acom-
panhada de vento ciclónico.

A «ribeirinha de Arês»,
como vulgarmente é conhe-
cida, nunca teve, segundo
diz o povo, uma enxurrada
tão grande e tão digna de
menção como esta.

Cansou alguns estragos,
sendo o sr. Francisco Jorge
um dos prejudicados, visto
ter ficado sem uma porção
de madeira que o encurro
com toda a sua furiosidade
arrastou.

GRALHAS

Quanto mais ratos se
matam, mais ratos ficam.
E' o caso deste bicho dani-
no das gralhas, que mais
surtem, quanto mais nos
empenhamos em eliminá-las.
Ainda na última local, quan-
do queríamos anunciar a
nossa «irresponsabilidade»
nalgumas incorrecções, se
nos atribuiu, pela falta das
duas primeiras letras, cul-
pas que não temos. Para
varrermos a nossa testada,
e pela última vez, afirma-
mos não ser nossa a respon-
sabilidade pela tal «respon-
sabilidade» que não escre-
vemos, nem pela análise
«minuciosa», em vez de
«aborigense» em voz de «abori-
genes».

S. Figueiredo

ANUNCIEM NO «CORREIO
DE NISA», QUE CIRCU-
LA

Anúncios—1800 cada linha, segundo o linômetro de corpo 8. Anúncios permanentes e especiais — contratos — especiais. Número avulso—\$50. Números atrasados: 1\$00. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Misa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—200 contínuos; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portos. Não se restituem assinaturas quer sejam ou não publicadas. — Toda a colheita para o jornal é solta.

O NATAL

(conclusão)

sempre duas ou três azevias com recheio de estôpa ou milho miúdo... E então rebentava gargalhada estrondosa, quando o recém-chegado procurava desvenenhar-se das fibras de estôpa em que cravara os dentes ou em volta de si esparrinhava os rolicões e pequeninos grãos de milho...

A's dez horas tocava a primeira vez para a Missa, às onze a segunda, e, à meia-noite em ponto, o padre acercava-se do altar, depois de, ao fim de porfiadas diligências, se conseguir fazer calar as inúmeras galinhas (um filote de tripa de vaca interposto a dois pedaços de cana) com que a garotada serraznava e importunava toda a gente durante a época e de cujo abuso nem mesmo na igreja se abstinha.

Terminavam as cerimónias culturais, quando o pároco, de capa de asperges, dava o Menino a beijar. Então a confusão e o alarido não havia admoestações que os dominassem.

E, na expectativa dum ceia opípara e das doçarias e mimos que a esperavam toda a multidão tomava o caminho dos seus lares, a desenregalar os membros no brasido, para em seguida se refastelar e rejubilar na abundância e prazer da consuada...

Era assim noutros tempos o Natal.

Se os pais e avós podiam porporcionar a filhos e netos, além das alegrias da seronda, brinquetes, rebuçados ou bombons, era sempre o Menino-Jesus, aquêlê róscio bambino do presépio de Belém, que vinha deixa-los nos minúsculos sapatinhos.

Ninguém conhecia o velho e encanecido Pai-Natal; de resto, falando em lingua estranha ninguém poderia entendê-lo. Era, em tudo, bem português e estruturalmente cristão o Natal de há meio século, sem a estrangeirice inachmatada de *Arvores*, cujos ramos de agulhas agressivas estriam a neve nos países do norte e que estes iam e vão arrancar à glacialidade da sua paisagem, para as decorarem de ourepol e ficarem sempre, por mais providas de fulgor e riqueza, frias e inexpressivas.

Hoje a vaga, que algum tanto se espraiou pela terra lusa, parece querer refluír e por toda a parte se acentua o regresso aos antigos costumes patriarcaes.

Os presépios, inspirados nas inconfundíveis obras de arte que, no género, nos ficaram de antanho, refflorescem por todo o Portugal e até nas escolas primárias eles atraem as almas infantis, pondo-lhes no olhar reflexos de bemaventurança.

Dir-se-ia que, nesta linda fimbria da Europa, os corações

Homenagens de esquina

(conclusão)

do patriotismo numa distribuição de consagrações que devia e deve ser sempre feita com cuidado, com um sentido apurado da justiça, com uma noção exacta quanto possível das proporções a guardar em tarefa de tamanho melindre. Daí uma série de erros, que se torna indispensável não repetir, e uma orgia de immortalizações, que estabelecem uma barafunda chocante entre o verdadelro mérito e aquêlê que circunstâncias ocasionais criam e que, por isso mesmo, estão sujeitos a chacotas cruéis e a ironias a que não podem resistir. Para atribuir homenagens, estampadas nas esquinas, devia haver um tribunal, incumbido de destrinçar ás justas das injustas e com a autoridade necessária para não permitir senão aquêlê que a opinião pública pudesse receber com aplauso incondicional.

Também vem á colação o que o *Diário de Lisboa*, de 8 de Novembro de 1934, inscria sobre o tema em questão:—«Quando se coloca o nome numa rua, com significação pessoal, que se pretende? Homenagear uma figura que, no seu país ou na sua terra, foi alguém. Mas alguém quando? Se o foi no passado, de tal modo que o seu nomeforçou séculos e séculos—bem está. São os nomes que encarnam a própria ideia da nação, da pátria, do povo, sob as mais variadas actividades. Mas, se são nomes que traduzem apenas um momento presente—tôdas as legendas das ruas correm o risco de ser eliminadas um belo dia.»

Também é para considerar o que num artigo de *El Sol* se diz: «A primeira coisa que tem a fazer um homem para que o eternizem, é entrar na eternidade, isto é, morrer. Mais ainda: Se este homem é político, não lhe bastará a morte material; é necessário que morram também ou que se tornem em lugar comum as ideias que as suas vi-las iluminaram...»

De tôdas estas transcrições se conclui que só devem ilustrar as esquinas das ruas de qualquer burgo os nomes dos que, por consenso unânime das populações, mereçam tão alto e significativo preito e que só a morte pode selar definitivamente as benemerências, os préstimos, os insofismáveis valores das personalidades a homenagear.

Porque nem sempre assim tem sucedido, é que se vêem

fremem em ansios de salutar reeristianização.

Que tão notavel surto de fé e de lusitanismo continue a mover os ânimos e que, como no restar das tradições do Natal, a nossa Pátria seja sempre, em tudo e por tudo, genuinamente, orgulhosamente portuguesa!

J. FIGUEIREDO

Noticiário de Alpalhão

CASAMENTO — Realizou-se nesta vila, no dia 8 do corrente, o enlace matrimonial da Menina Maria Amália Pestana Ribeiro, filha da Sra. D. Ester de Matos Pestana Ribeiro e do Sr. Dr. João Anselmo Ribeiro, dignissimo notário do concelho de Crato, com o Sr. Dr. Francisco Duarte Baião — gerente e proprietário da «Farmácia Higien» desta vila—filho da Sra. D. Maria Joaquina Nabo e do Sr. Francisco Duarte Baião, abastado proprietário desta localidade.

Foram padrinhos, por parte da noiva o Sr. Anibal da Rosa Pestana, abastado proprietário e lavrador em Monte da Pedra, e o Sr. Anselmo Ribeiro Duarte, dignissimo empregado da Câmara Municipal de Crato, e por parte do noivo, o pai da noiva e o Sr. Engenheiro José de Andrade Sequeira, abastado proprietário e lavrador desta localidade.

Ao acto, realizado em casa dos pais da noiva e que foi revistido do maior brilhantismo, assistiram numerosos convidados, não só desta vila como de Lisboa, Crato, Arez, Vale do Pêso, Monte da Pedra, Cunheira, etc., tendo depois sido servido pela Casa Versailles de Lisboa, um lauto lanche de casamento, seguido de animado baile.

Aos noivos, a quem desejamos uma prolongada lua de mel, os nossos parabens e votos das maiores felicidades.

por aí, mais frequentemente do que seria para desejar, lápidas ou placas a exaltarem, em caracteres de apoteose, nomes apenas guindados pela politica sectária, por interesses particulares ou de corrilho e até por propósito de acintosa afronta, ás glorificações que só devem prestar-se, como dizia João de Deus, a Homem de grande vulto» nas letras, nas ciências, nas artes, na politica, etc., quando não lhes falte, como cúpula da sua estrutura psíquica, o remate cristalino das perfeições morais.

Para de algum modo corrigir o que, sob este aspecto, precisava de emenda na sede do concelho, deliberou a Câmara presidida pelo Sr. Dr. Fraústo Basso, em sessão de 19 de Fevereiro de 1942, reformar a toponímia de muitas ruas, a algumas das quais foram restituídas as antigas denominações.

Essa deliberação não foi ainda executada. Importa, pois, efectivá-la; mas antes disso, deve o Município averiguar se em Misa e em algumas das freguesias do concelho não haverá ainda nomes que, por qualquer motivo, estejam longe de merecer as «homenagens de esquina»...

Nesse sentido apelamos ao bom senso do Sr. Presidente da Câmara.

ÁLVARO SEMEDO

Veneno de Amor

Conclusão

com a amante!

Como recordava ainda bem o juramento que fizera, ao receber dela uma taça, uma taça de oiro cravejada de diamantes, trabalhada em baixo relêvo, numa obra inspiradora!

E todos estes pensamentos, toda esta renovação da sua juventude, fizeram aflorar aos seus lábios envelhecidos, sêcos e sem cor, queimados pela febre que mais o devorava, um sorriso de saúde.

E o peito arfava mais lento, o coração batia-lhe num compasso irregular, e a vida fugia-lhe a pouco e pouco, como exalada por aquêlê sorrisos de felicidade. O velho rei sentia-o; sentia-o, sabia que ia morrer, e levado por um desejo, um desejo que nem êle saberia explicar, colocou na cabeça a coroa de rei que por tanto tempo cingira, e tirando do peito a taça que jamais fora profanada em festins de libertinagem, bebeu por ela um velho vinho, um licor embriagador de felicidade. E fitando uma vez mais a reliquia da amante, como vendo nela o último beijo de amor, lançou-a ao mar.

E assim ficou quedo, olhando o boiar desinquieto, que lhe levava os últimos alentos da vida.

Descia o crepúsculo da tarde; e num último e prolongado movimento, ordenou ao cão que se deitava a seus pés, ao único vassallo fiel que possuía, que a seguisse dia e noite, que a guardasse, para que ninguém mais sentisse a felicidade do seu amor, bebendo por ela.

E o cão obedeceu; obedeceu ao seu senhor; e partiu.

Porém, num dia ao amanhecer, o fiel cão achou-se junto a uma costa, onde uma pegureira apascentava gado. E seduzido pela bondade da pastora, que lhe fizera festas e lhe dera de comer, olvidou o juramento, pois que o castelo de seu senhor, há muito o tinha deixado.

Desejou enfim acabar ali os seus dias. E uma noite, vencido pelo cansaço esqueceu-se de velar a taça do velho rei, e adormeceu.

A jovem pastora que há tanto tempo a desejava, vendo o seu guarda adormecido, entrou de manso na água, a tiritar, e colheu de entre as ondas embravecidas, a rica taça abandonada. Todo o seu tenro corpo tremia; e vencida pela sede da febre que a devorava, sorveu as últimas gotas daquêlê licor embriagador do velho rei. Imediatamente no seu

PALAVRAS

que não es

Senhor Dire

Como nizensê, amados progressos da minha venho rogar a V. se dignorizar a minha inscrição assinante de o «Correio sa», cujo aparecimento publicidade, se deve á ciatividade de V.

Por êste mesmo barm um vale registado na incia de 26\$00, para liqui respectiva assinatura, a V. se digne empregar bons officios, no sentido serem remetidos os já publicados, com excepção primeiro, que por im de pessoas de familia em meu poder.

Antecipadamente gbscrevo-me de V. ve obrig.

Joaquim Maria
1.º Sargento de
Eventual de
Costa de Ang
(TERCEIRA)

Nota da Seman

Visitámos há pouco belecimento do nosso assinante e amigo Sr. Batista e observámos, cêro prazer, as atrações das melhores e acreditadas do Pôrto, na sua gem, para a estação de Casimiras, estam drões clássicos), e (productos para Senhora vasto sortido de «tab maior diversidade de para todas as categorias todos os fins, para todas. Um verdadeiro coisas belas!

Assim, ninguém certeza.

Por tal, os nossos ao presado Amigo, pfracos não reza a H

tamente no seu qualquer coisa su gou-se rainha, e ab correndo campos, em vilas, a proct «seu principe que ra».

Ao verem os gos cabelos caído deixas, a beleza dora de seus frescura de seus pastores lamentante da linda zagala louquecera.

Atrás dela, as seguiam extenua querendo arran seus balidos, o ento de seu espirito da hovia, nenhuma existia que acord a alma adormec que as gôtas do briagador, cont sonhos, os segre suspiros, dum amor, do velho re

EMILIO P